

Análise Semiótica do Pictograma do Idoso – A Mudança da Percepção do Idoso sobre si¹

Ana Maria Rodrigues Silva²
Ricardo Jorge de Lucena Lucas³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Este trabalho propõe-se a analisar, a partir dos conceitos e metodologias da Semiótica, os pictogramas que representam a pessoa idosa. O pictograma é utilizado para indicar assentos preferenciais em transportes públicos, filas especiais em bancos, entre outros usos. A partir de uma campanha realizada no Facebook, intitulada “Nova Cara da Terceira Idade”, um novo pictograma foi desenvolvido e escolhido para simbolizar o idoso devido à percepção de que o desenho antigo não representava mais a “imagem” atual da pessoa idosa.

Palavras-chave

Análise semiótica; pictograma; idoso; envelhecimento.

Introdução

Para quem utiliza o transporte público diariamente é comum perceber a existência de assentos diferenciados destinados a pessoas com deficiência, grávidas ou mulheres com crianças de colo, idosos e pessoas obesas. A indicação destes assentos pode ser feita pela cor diferente das poltronas bem como pela utilização de pictogramas afixados nas janelas dos veículos que demonstram o público a quem se destinam as cadeiras.

Além dos veículos de transporte público, vagas de estacionamento também são reservadas e identificadas por meio do uso dos mesmos pictogramas dependendo do público à qual se refere. Estes pictogramas representam um público específico a partir da utilização de elementos gráficos que o caracterizem, de modo que a identificação e compreensão do pictograma sejam imediatas. Em 2012, iniciou-se uma movimentação nas redes sociais para modificar o pictograma, até então vigente, do idoso.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior - XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: anamrs93@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: ricardo.jorge@gmail.com

Este artigo propõe-se a fazer uma análise semiótica do pictograma antigo e do atual, que foi escolhido por meio de votação e participação de várias pessoas no Facebook, por meio do projeto “Nova Cara da Terceira Idade”. Além disso, este trabalho pretende esclarecer e detalhar as motivações para a proposta de mudança do pictograma do idoso apresentadas pelo criador da campanha na página do Facebook e no site.

Metodologia

Para ter um embasamento conceitual da análise semiótica dos objetos deste trabalho, foi escolhida a pesquisa bibliográfica a partir das leituras das obras de Ugo Volli e Lúcia Santaella. Com a leitura destes dois autores, a análise do objeto de estudo escolhido está ancorada nos conceitos de signo e as qualificações e subdivisões a ele atribuídas a partir dos conceitos de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, demonstrados por Charles Sanders Peirce.

Além disso, também foi feita uma pesquisa e observação na página de divulgação do movimento “Nova Cara da Terceira Idade” com o objetivo de compreender o objeto de análise deste artigo, o novo pictograma do idoso.

Fundamentação teórica

Na obra “O que é semiótica”, da autora Lúcia Santaella, são apresentadas definições propostas por Charles Sanders Peirce. Em primeiro lugar, é importante definir a unidade base de estudos da Semiótica: o signo.

É uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. (SANTAELLA, 2007, p. 13)

No livro “Manual de Semiótica”, Ugo Volli traz as definições da tricotomia do signo de Peirce com as explicações sobre **ícone**, **índice** e **símbolo**. Um signo tem uma relação icônica quando existe uma “semelhança objetiva, ou até mesmo reconhecida como tal no grupo social que usa o signo” (VOLLI, 2012, p. 40) entre o objeto representado e o signo que o representa. “Um signo icônico deve a sua capacidade de significar ao fato de que a expressão é *sob certo aspecto semelhante* ao próprio conteúdo.” (VOLLI, 2012, p. 40).

O signo icônico, sendo uma representação, não é o objeto. O ícone destaca apenas alguns elementos do objeto facilitando a identificação do ícone com o objeto real, o que pressupõe uma simplificação do objeto. “É importante observar que todos os ícones são

radicais *simplificações* no que se refere à complexidade do real: as “propriedades comuns” a objetos e representações são *muito poucas* diante da infinita riqueza da realidade.” (VOLLI, 2012, p. 190)

A outra parte da tricotomia do signo é o **índice**. Segundo Volli, “o índice é um signo física ou casualmente ligado ao próprio objeto, e recebe sentido por meio da relação com esse objeto.” (VOLI, 2012, p. 42). O processo sógnico indicial se baseia em uma contiguidade física entre o signo e o objeto representado.

A relação **simbólica** da tricotomia é assim chamada “quando em sua ausência não haveria ligação entre significante e significado. Em outros termos, um símbolo (sempre na terminologia de Peirce) não possui outra motivação que não seja histórica ou convencional: em suma, é opaco ou *arbitrário*.” (p. 44).

No caso do símbolo, signo não possui nenhuma relação de semelhança ou de contiguidade física com o objeto. Ele se relaciona apenas por meio de uma convenção decidida entre a sociedade que usa este signo. Dessa forma, a compreensão do significado de um símbolo depende da cultura ou do grupo social que o utiliza.

Podemos esclarecer, agora, os conceitos referentes ao processo de apreensão e significação dos signos. São as definições de **primeiridade**, **secundidade** e **terceiridade** as quais serão apresentadas pela perspectiva, principalmente, da obra de Santaella.

A primeiridade pode ser compreendida pela expressão “*qualidade de sentimento*” (SANTAELLA, 2007, p. 10). Ou seja, quando nos deparamos com um signo, “a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem, já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos.”.

Estamos na primeiridade quando percebemos o signo tal qual ele é, percebendo as qualidades que possui a partir dos sentidos, sem fazer associações ou referências ao que nos cerca ou aos nossos conhecimentos anteriores. “Qualidade de sentir é o nosso estar no mundo. Sentimento é, pois, um quase-signo do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas.” (SANTAELLA, 2007, p. 10)

Julio Pinto apresenta uma definição simplificada e objetiva para a primeiridade. “Seria uma instância da experiência que se refere aos aspectos qualitativos, formais, meramente sensoriais e/ou sensoriais do objeto, contanto que experimentados de maneira absolutamente não reflexiva, não pensada.” (PINTO, 2002, p. 78)

Sobre a etapa seguinte do processo de apreensão dos signos, Santaella define a secundidade como “a arena da existência cotidiana” (2007, p. 10). “A qualidade

[primeiridade] é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material.” (2007, p. 10).

A partir do momento em que materializamos uma qualidade (a qualidade de ser azul, ou de ser branco) em algo (um lápis de cor azul, uma folha de papel branca), já estamos na secundidade. A primeiridade é muito fugaz. Desprendemos pouco tempo a ela, pois quando percebemos, já estamos relacionando uma qualidade a um objeto, ou seja, saindo da primeiridade para a secundidade. Entretanto, os três elementos estão intimamente ligados.

A qualidade de sentimento não é sentida como resistindo num objeto material. É puro sentir, antes de ser percebido como existindo num eu. Por isso, meras qualidades não resistem. É a matéria que resiste. Por conseguinte, qualquer sensação já é pivô do pensamento, aquilo que move o pensar, retirando-o do círculo vicioso do amortecimento. Falar em pensamento, no entanto, é falar em processo, mediação interpretativa entre nós e os fenômenos. É sair, portanto, do segundo como aquilo que nos impulsiona para o universo do terceiro. (SANTAELLA, 2007, p. 10)

É “terceiro” em semiótica, ou seja, é terceiridade, aquilo que “aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo.” (SANTAELLA, 2007, p. 11). Chega-se ao nível da terceiridade quando as sensações da primeiridade se materializam na secundidade e geram um pensamento, uma percepção racionalizada do signo observado. Para compreender este processo, basta pensarmos que

Diante de qualquer fenômeno, isto é, para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. (...) Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido. (SANTAELLA, 2007, p. 11)

Ao observar um objeto qualquer de cor azul, estamos na primeiridade quando nos deparamos com a forma daquele objeto, com a “qualidade de ser azul” dele e com outro elemento perceptível por meio dos sentidos. Passamos da primeiridade para a secundidade quando percebemos o que é aquele objeto, com aquela forma e daquela cor azul. Em seguida, chegamos à terceiridade quando relacionamos aquele objeto com alguma função com a qual ele se relaciona ou quando o objeto nos faz ter alguma lembrança, ou seja, quando chegamos à esfera do pensamento.

Objeto

O objeto de análise deste artigo é o pictograma (ver figuras 1 e 2, abaixo) que representa o idoso, nas duas versões, a mais antiga e a nova ideia de pictograma. Esta imagem é utilizada para indicar locais (cadeiras em ônibus, filas de atendimento em bancos, vagas de estacionamento, entre outros) destinados para uso exclusivo dos idosos.



Figura 1



Figura 2

À esquerda (figura 1), temos o pictograma mais antigo e à direita (figura 2), temos o pictograma criado em 2013 a partir da iniciativa do projeto “Nova Cara da Terceira Idade”. Antes de tudo, é necessário conhecer o projeto e quais as motivações para a criação do novo pictograma.

A ideia de desenvolver um novo pictograma para o idoso é do publicitário paulistano Max Petrucci. Motivado pela percepção de que o idoso atualmente não se adequa a uma visão de fragilidade e incapacidade – tal qual é percebida no pictograma normalmente usado – Petrucci, diretor da agência paulista Garage IM, resolveu criar um projeto colaborativo, usando o Facebook como plataforma de interação, para recolher sugestões de novos desenhos, depoimentos e frases que servissem de inspiração para o novo pictograma.

Em matéria publicada no site do jornal O Estado de São Paulo, no dia 23 de janeiro de 2013, Max Petrucci defendeu a mudança do pictograma, pois “a forma de retratar o idoso tem de deixar de ser de uma pessoa decadente, porque isso não é mais verdade. Sim, há perda de vitalidade, mas o idoso hoje vive mais, está mais saudável, ativo e produtivo. O

Brasil está em processo de envelhecimento (*da população*) e mexer no símbolo é uma forma de conscientização sobre o tema.”.

O projeto “Nova Cara da Terceira Idade” começou quando os idealizadores conseguiram um financiamento coletivo por meio de *crowdfunding* para dar início às atividades. Em seguida, utilizaram o itsNOON, site de criação coletiva, para receber as sugestões de novos pictogramas. Das sugestões recebidas, as 10 melhores foram remuneradas com o dinheiro obtido com o *crowfundind*.

Em seguida, após a criação da *fanpage* do movimento, em 25 de abril de 2012, as sugestões feitas por diversos designers especializados em sinalética⁴ foram publicadas para que os mais de 70 mil colaboradores (entre idosos e não idosos), à época, do projeto opinassem sobre cada pictograma selecionado.⁵

Segundo matéria publicada no site da revista Carta Capital, de 2 de outubro de 2013, 80% dos seguidores da *fanpage* do movimento possuem mais de 55 anos. Atualmente, a *fanpage* possui mais de 118 mil “seguidores”.

A efetivação do projeto veio com o lançamento de um abaixo-assinado na *fanpage* do movimento com o objetivo de recolher, no mínimo, 100 mil assinaturas para serem entregues à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), órgão responsável pela normatização de sinalizações. Essas assinaturas serviriam como solicitação formal à ABNT da substituição do pictograma. As assinaturas foram recolhidas após os colaboradores terem decidido que o novo pictograma seria escolhido por meio de uma votação popular realizada pelo site do projeto.

Inúmeros depoimentos, comentários na *fanpage*, frases e sugestões de desenhos foram recebidos durante o processo de criação do novo pictograma. Em 26 de agosto de 2013, foram divulgadas as três opções (ver figura 3, abaixo) que seriam votadas pelos colaboradores do projeto.

⁴ Sinalética: é um ramo de atividade que produz elementos visuais utilizados em praticamente todos os setores de atividade com o objetivo principal de auxiliar a utilização correta de normas em edifícios públicos e privados em situações normais e/ou excepcionais de emergência.

⁵ O álbum com todas as 10 sugestões pode ser visualizado neste link:
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.382616311793422.91417.343393832382337&type=1>



Figura 3

Estes três pictogramas foram disponibilizados na *fanpage* e qualquer pessoa poderia votar acessando o site www.novacaraterceiraidade.com.br. O período da votação foi de 26 de agosto até 13 de setembro de 2013. No dia 1º de outubro de 2013, Dia Mundial do Idoso, foi revelado o pictograma escolhido. Mesmo assim, o projeto não se encerrou. No site do movimento, os colaboradores podem indicar locais do país onde gostariam de ver o novo pictograma sendo utilizado. No site também é possível fazer o download da imagem para que seja impressa e aplicada em qualquer local ou instituição, seja pública ou privada.

Depois de conhecer o que é o projeto “Nova Cara da Terceira Idade”, podemos, a partir de agora, dar início à análise semiótica dos pictogramas e procurar entender que mensagem pode ser compreendida a partir deles.

Análise



Figura 4

Segundo matéria publicada no portal do jornal Estado de São Paulo, em 23 de janeiro de 2013, a origem do pictograma do idoso curvado e se apoiando na bengala (figura 4) começou a aparecer no Brasil “no fim da década de 1990, com o Estatuto do Idoso, e, no início dos anos 2000, com a sanção de leis de atendimento e de assento preferenciais”.

Ainda nesta notícia, o Metrô de São Paulo foi o meio que popularizou o uso deste pictograma. Maria Barbosa, arquiteta e coordenadora da Comissão de Estudos de Acessibilidade na Comunicação do Comitê das Normas de Acessibilidade da ABNT, afirma que “o Metrô de São Paulo fez uma pesquisa em outros sistemas de transporte e chegou à imagem da pessoa curvada com a bengala. Como não havia normatização no País, a ABNT incorporou o pictograma.

O pictograma mais antigo continua sendo usado pela maioria das instituições, agências bancárias, transporte público, entre outros lugares. Nesta imagem, podemos perceber quatro formas distintas e de cores diferentes, azuis e brancas. À luz da primeiridade, levamos em conta as qualidades percebidas pelos sentidos: a cor, as formas e as extensões delas. Na primeiridade, veem-se, de início, as formas e as respectivas cores que compõem o pictograma: um círculo branco, um quadrado azul e outro quadrado, branco e maior que o azul.

Chegamos à secundidade quando relacionamos estas formas e cores à imagem de uma pessoa. Outro elemento do pictograma, que nos remete a uma bengala, nos faz concluir que esta pessoa é idosa. As formas passam a ser vistas e compreendidas em um contexto mais completo, de representação de um ser humano, mais precisamente alguém idoso.

Já na terceiridade, o pictograma pode ser compreendido como uma imagem que representa um idoso fragilizado, dependente de uma bengala, com pouquíssima força física de sustentação do próprio corpo.

Este pictograma pode ser classificado como um signo icônico por conta da semelhança com a forma humana – o círculo representa a cabeça e a forma abaixo dele remete ao corpo da pessoa, com braços e pernas.

Um ícone implica em uma simplificação do objeto que representa. Além disso, um pictograma (signo icônico) implica na utilização de elementos visuais que remetam à realidade do objeto. Entre os elementos dispostos na imagem, o que mais faz referência direta ao objeto, induzindo quem o vê a compreendê-lo rapidamente, é o elemento que representa a bengala.

A utilização deste ícone nos leva a uma interpretação geral do pictograma: idoso é aquela pessoa que, necessariamente, precisa de uma bengala para se apoiar. Esta conclusão nos remete, por sua vez, à noção de fragilidade e dependência dos idosos. Para Ugo Volli,

um signo não capta as singularidades dos indivíduos, quer dizer, um signo não é extenso (já que a singularidade permite a pluralização, a extensão). Ele é, ao contrário, intenso e restritor em sua capacidade de generalizar. Ele restringe porque, ao generalizar sobre os indivíduos que ele designa, ele efetua um corte no *continuum* informacional e delimita aquele grupo de indivíduos em contradistinação a outros. (VOLLI, 2012, p. 80)

Por outro lado, este pictograma não é apenas um ícone. É também um símbolo para representar o idoso. Isto porque uma convenção, ou uma “lei” estabelecida entre a sociedade que usa este signo, nos confirma que estas formas do pictograma representam um idoso. Se não houvesse essa convenção, provavelmente não consideraríamos este símbolo a representação de alguma pessoa.

Com o pictograma do idoso apoiado na bengala percebemos, claramente, uma generalização do “objeto” que representa. O processo de envelhecimento modificou-se com o tempo. Nota-se que a preocupação com o envelhecer vem se tornando cada vez mais presente no dia a dia. Jovens e adultos estão se dedicando a ter uma alimentação mais saudável e balanceada associada à prática de atividades físicas constantes. Além disso, percebe-se que muitos idosos mantêm uma vida ativa, autônoma e não precisam de uma bengala para se apoiar.

O que nos leva a concluir que este pictograma é uma generalização pouco representativa do público à qual se destina. Não foi à toa que o movimento “Nova Cara da Terceira Idade” começou. A mensagem compreendida por meio do pictograma de que o idoso é uma pessoa fragilizada e com pouquíssima força física não é mais significativa para o idoso atual. Mesmo existindo idosos que são debilitados por conta do desgaste natural do envelhecimento, nota-se que o perfil do idoso, no geral, atualmente afastou-se da imagem retratada pelo pictograma antigo.

Então, a partir de agora podemos compreender o que o novo pictograma significa e representa. Conforme dito, oficialmente apresentado no dia 1º de outubro de 2013, o pictograma abaixo (Figura 5) foi criado a partir da motivação de transformar a ideia que a sociedade tem do idoso. Assim surgiu o projeto “Nova Cara da Terceira Idade”, apresentado anteriormente.



Figura 5

Tendo a mesma sequência de análise do pictograma antigo, podemos perceber, na perspectiva da primeiridade, que a maioria dos elementos do pictograma antigo repete-se no pictograma da figura 5. As cores também são as mesmas: azul e branco. O círculo, os quadrados e as outras formas brancas são percebidos quando passamos para a esfera da secundidade.

Conseqüentemente, chegamos à terceiridade quando unimos as qualidades notadas com a primeiridade e a materialidade dos elementos na secundidade. No pictograma acima, percebemos que os elementos brancos representam uma pessoa, o algarismo “60” e o sinal de “+”. Estes elementos juntos nos levam a compreender que o pictograma retrata uma pessoa com 60 anos ou mais, ou seja, um idoso. Mesmo sendo um signo icônico que simplifica o objeto real, o novo pictograma não reduz o idoso à imagem de alguém “decadente” e frágil, tal qual o pictograma anterior.

Além de ser um ícone, por conta da semelhança com o objeto, o pictograma tem elementos simbólicos, ou seja, compreendidos graças a uma convenção. Estes elementos são o algarismo “60” e o sinal de “+”. Essa convenção é estabelecida tanto pela arbitrariedade (aqui, *arbitrário* não pode ser entendido de modo negativo, e sim como uma relação que existe apenas porque é uma convenção aceita pela sociedade) existente na sociedade brasileira que está começando a utilizar este símbolo, quanto pelo Estatuto do Idoso, o qual prevê no Artigo 1º que idosos são aqueles que possuem idade igual ou superior a 60 anos.

Importante ressaltar que, igual ao pictograma anterior, este novo pictograma também é generalista. Entretanto, a nova proposta foi aceita por uma maioria significativa

que se engajou na ideia do projeto. Além disso, atende às demandas do público interessado e específico do projeto “Nova Cara da Terceira Idade”.

Abaixo (figura 6), é possível compreender a construção do novo símbolo e qual mensagem ele se propõe a transmitir.



Figura 6

Conclusão

Os signos e o que representam não são perenes. Ugo Volli afirma que

as entidades semióticas não são objetos materiais e sim construções psíquicas, **culturais** [destaque meu], dependentes de complexos fatores ligados à aprendizagem, ao patrimônio de competências possuídas, ao contínuo jogo de indicações que remetem para alguns percursos de uso dos signos em vez de para outros. (VOLLI, 2012, p. 35)

Podemos concluir que a proposta para a mudança do pictograma do idoso ancora-se na mudança de percepção do que é ser idoso e do processo de envelhecimento. Mesmo que o envelhecimento seja singular e diferente para cada indivíduo, nota-se que o idoso não tem mais, principalmente, o perfil frágil e delicado representado no pictograma mais usado anteriormente (figura 4). E isso é confirmado com o engajamento do público na campanha que reafirmou a hipótese de que o idoso não é mais representado por esta noção de debilidade.

Não podemos afirmar que o pictograma recém-criado é insubstituível. Entretanto, levando em conta o pensamento que circula sobre quem são os idosos atualmente e de que forma eles se percebem simbolicamente, este pictograma apresenta-se como uma solução que representa este público.

Referências bibliográficas

PINTO, Julio, **O Ruído e Outras Inutilidades**: ensaios de comunicação e semiótica, Belo Horizonte, Autêntica, 2002, 96 páginas.

SANTAELLA, Lúcia, **O que é semiótica**, Coleção Primeiros Passos, 27ª reimpressão, São Paulo, Brasiliense, 2007, 82 páginas.

VOLLI, Ugo, **Manual de Semiótica**, 2. Ed., São Paulo, Edições Loyola, 2012, 347 páginas.

Referências eletrônicas

Palestra de Max Petrucci no TEDx Floripa. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=D-PTQ3ZTtrg>> Acesso em 07 de jun. de 2013

Estado de São Paulo. **Publicitários buscam símbolo positivo para a terceira idade**. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,publicitarios-buscam-simbolo-positivo-para-a-terceira-idade-imp-,987571>> Acesso em 06/06/2014.

Carta Capital. **Um novo olhar sobre um velho tema: o idoso**. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/um-novo-olhar-sobre-um-velho-tema-o-idoso-8394.html>> Acesso em 07/06/2014